

Racismo nas organizações: um estudo no contexto brasileiro.

NATALIA MACHADO GOMES

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

MARCELA VASCONCELLOS

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

ADRIANO FARAGE FIGUEIREDO

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

DANIELLA MUNHOZ DA COSTA LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

Racismo nas organizações: um estudo no contexto brasileiro.

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar a abordagem da literatura científica sobre o racismo nas organizações e nas relações de trabalho no contexto brasileiro. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com análise temática *a posteriori* em estudos publicados entre 2012 e 2023, em que foram encontrados 148 artigos. Em seguida, 22 foram selecionados para análise. Foram identificadas 6 categorias principais para discussão. São elas: racismo institucional, sofrimento psíquico, trabalho doméstico, racismo e trabalho, perspectiva da mulher negra e imigrantes. Constatou-se que os temas não se limitam ao campo de estudo da Administração, sendo destacados os campos do Serviço Social, da Psicologia e da Antropologia. A pesquisa contribui para a reflexão sobre práticas excludentes nas organizações baseadas em raça, etnia ou cor da pele. Adicionalmente, acredita-se que o levantamento dos principais temas relacionados ao racismo nas organizações contribua para melhor compreensão dos seus desdobramentos e impactos no cotidiano organizacional e nas relações de trabalho.

Palavras-chave: Racismo; Organizações; Divisão Racial do Trabalho.

1. INTRODUÇÃO

O mito da democracia racial no Brasil vem sendo utilizado como pano de fundo para um discurso que negligencia a discussão e reflexão em torno do racismo. Seus defensores afirmam que o racismo não acontece no Brasil e que brancos e negros vivem de uma forma harmoniosa, compartilhando as mesmas oportunidades (GONZALEZ, 2020). Em oposição a essa visão que desconsidera o passado de escravidão no Brasil e seus desdobramentos para formação da sociedade atual, a sociedade colonial brasileira tanto foi marcada pelo racismo e pela exclusão da população negra que até hoje o racismo continua sendo um problema contemporâneo no país, manifestando-se de diferentes maneiras (MACHADO JUNIOR; BAZANINI; MANTOVAN, 2018).

O racismo não é apenas uma questão social, mas também impacta no mercado de trabalho assalariado. Isso acontece porque no contexto social há o chamado racismo estrutural, este decorrente da estrutura social e que se revela por meio de conflitos de raças, de classes e sexuais que estabelecem as relações políticas, sociais, econômicas e jurídicas (ALMEIDA, 2018). Assim, o que se observa na sociedade é um reforço do racismo por meio da divisão racial do trabalho, marginalizando trabalhadores e trabalhadoras negras em empregos mal remunerados e precários que não os garantem uma vida digna (ALVES, 2022), e a ausência de reflexões críticas sobre o racismo estrutural, que impedem o avanço no enfrentamento mais radical ao racismo no Brasil (OLIVEIRA, 2016).

Além do racismo estrutural, há outros dois grandes grupos de análise: o racismo interpessoal e o racismo institucional (TEIXEIRA, 2015), este último foco deste estudo. O racismo interpessoal é uma visão do racismo como algo psicológico e não político devendo a luta contra o racismo incluir ações que vão além das indenizações jurídicas. Já o racismo institucional se refere às ações racistas de instituições e o interpessoal ocorre nas relações entre indivíduos (ALMEIDA, 2018).

Observa-se que no Brasil existe uma dificuldade em se refletir sobre o racismo institucional nas organizações (LÓPEZ, 2012), pois é difícil reconhecer os mecanismos que o reproduzem. Desse modo, as instituições também têm dificuldade em assumir que reproduzem tais comportamentos. Segundo Silva (2017), essa forma de racismo pode ser manifestada tanto em ações cotidianas de trabalho quanto nas próprias normas da instituição. Almeida (2018) considera o racismo institucional uma abordagem avançada no estudo das relações raciais, pois

permite a compreensão de um racismo que não se limita às atitudes individuais, mas sim às estruturas e funcionamento das instituições e organizações.

O racismo institucional é uma forma sutil de discriminação que dificulta a presença de negros em certos espaços institucionais, sem necessidade de normas explícitas. Isso ocorre devido à hegemonia racial institucional, que torna o racismo menos evidente e identificável. Como resultado, a condenação do racismo institucional pode ser mais difícil do que a do racismo individual, pois já existem forças e relações de poder estabelecidas que o mantêm. Portanto, a falta de discussões sobre o racismo nos espaços institucionais hegemônicos pode levar a uma maior desigualdade e domínio racial (WERNECK, 2016; SILVA, 2017; ALMEIDA, 2018).

A divisão racial do trabalho se constitui como uma importante condição para se analisar o racismo que ocorre no mercado de trabalho assalariado brasileiro (ALVES, 2022). Costa (2017) aponta que os acontecimentos do Brasil colonial e escravista fundamentam a formação social brasileira trazendo o racismo como uma maneira de dominação política das camadas populares e classes trabalhadoras.

No período escravista no Brasil, a força de trabalho dos escravizados era utilizada na produção. Isso contribuiu para criar uma divisão racial no trabalho que persiste até hoje. Com a abolição, os trabalhadores escravizados se tornaram livres, mas a discriminação racial continuou dificultando sua inclusão no mercado de trabalho formal e os empurrando para trabalhos informais e mal remunerado. Os estudos teóricos sugerem que a origem dessa divisão racial do trabalho remonta ao período da escravidão, mas ela se desenvolveu e se consolidou depois da abolição, quando o mercado de trabalho formal começou a se estabelecer no Brasil (ALVES, 2022).

Para o capitalismo brasileiro, dependente e periférico, a desigualdade racial e de gênero se somam e refletem uma realidade de uma desigualdade mais profunda para as mulheres negras (PORTELA JUNIOR; LIRA, 2022). Ao estudar sobre a obra de Lélia Gonzalez, Portela Junior e Lira (2022) trazem o pensamento da autora onde essa realidade tem raízes históricas na escravidão, quando as mulheres negras eram forçadas a trabalhar em ambientes domésticos e em serviços externos.

Nas décadas de 1970 e 1980, a autora Lélia Gonzalez identificou que no Brasil havia três formas de desigualdade na divisão social do trabalho: raça, gênero e classe. Nesse sentido, as mulheres negras enfrentavam uma tripla discriminação que as colocava em situações de pobreza, racismo e patriarcado. Elas ocupavam principalmente trabalhos manuais e recebiam salários médios de até um salário mínimo, o que as colocava nas camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira (PORTELA JUNIOR; LIRA, 2022).

No Brasil, a marca de servilismo e subalternidade teve suas primeiras ocorrências durante a escravidão, principalmente com a população negra africana. Essa herança do servilismo continuou no período pós-abolição e durante a formação do mercado de trabalho brasileiro. Além disso, a situação agravou-se pelas profundas desigualdades sociais e econômicas presentes no país. Nesse sentido, a colonialidade é um processo que vai além do colonialismo histórico e não desaparece com a independência ou a descolonização. Isso ajuda a explicar por que algumas formas de dominação persistem em certos países e continentes mesmo após o fim da administração colonial. Essa distinção ajuda a entender como se formam as estruturas hierárquicas e de poder em países dependentes e entre eles, incluindo os países de capitalismo central (COSTA; SANTOS; RODRIGUES, 2022).

Percebe-se que apesar da temática racial estar ganhando mais destaque ao longo do tempo no Brasil, no campo das relações de trabalho, um número pouco significativo de estudos empíricos sobre racismo dentro das organizações ou ambientes de trabalho é identificado, principalmente no que se refere ao racismo institucional.

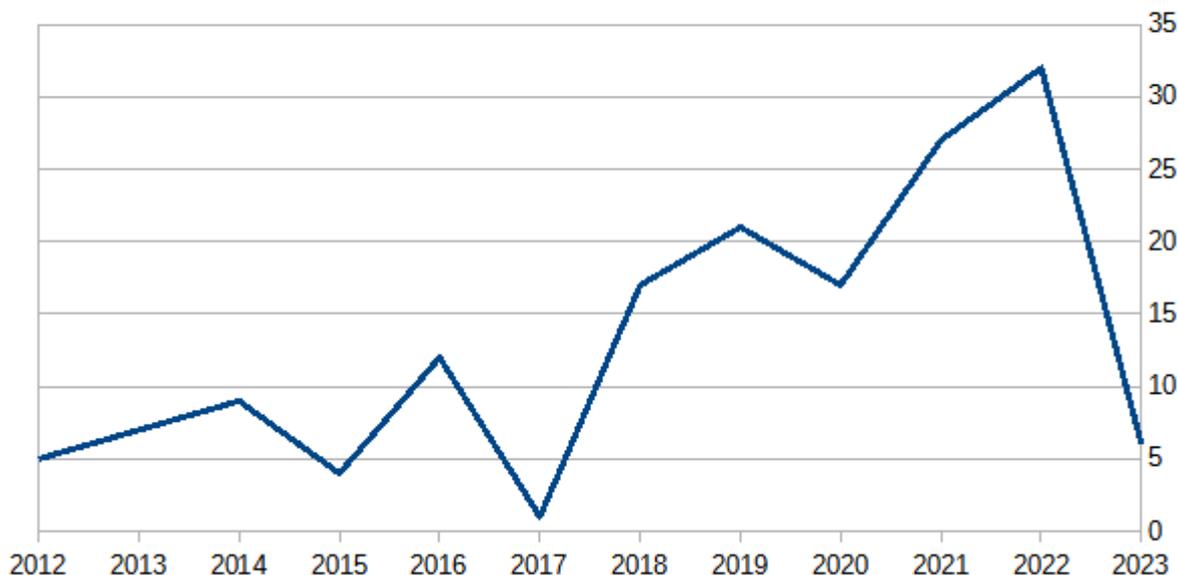
Diante disso, o objetivo do presente estudo foi identificar como o racismo se configura nas organizações e nas relações de trabalho no contexto brasileiro. Para isto, foi realizada uma revisão na literatura sobre o racismo nas organizações de forma a se identificar as temáticas e sintetizar os conceitos relacionados abordados pela literatura, com o intuito de contribuir com o debate sobre as desigualdades nas relações de trabalho a partir do reconhecimento e da análise das consequências deixadas pelo período escravista nas práticas de gestão das pessoas nas organizações. Do ponto de vista prático, entende-se que o debate sobre o tema tem o potencial de contribuir para que as organizações evitem práticas excludentes baseadas em raça, etnia ou cor da pele.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica combinada com análise temática *a posteriori*.

A pesquisa foi realizada na base de conhecimento *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*) entre os meses de fevereiro e março de 2023, utilizando os descritores “Racismo”, “Organizações” e “Trabalho” de maneira combinada, formando-se a seguinte *string* de busca: “Racismo” AND (“Organizações” OR “Trabalho”). A partir desse levantamento inicial identificou-se 173 artigos dentro da base de dados. Na sequência, os artigos foram selecionados a partir da aplicação de filtros, sendo aplicado um critério temporal e a exclusão de artigos em duplicidade. O critério temporal delimitado para pesquisa foi de janeiro de 2012 a março de 2023, o motivo da escolha deu-se pelo aumento de publicações sobre o tema a partir desta data, gerando um total de 148 artigos.

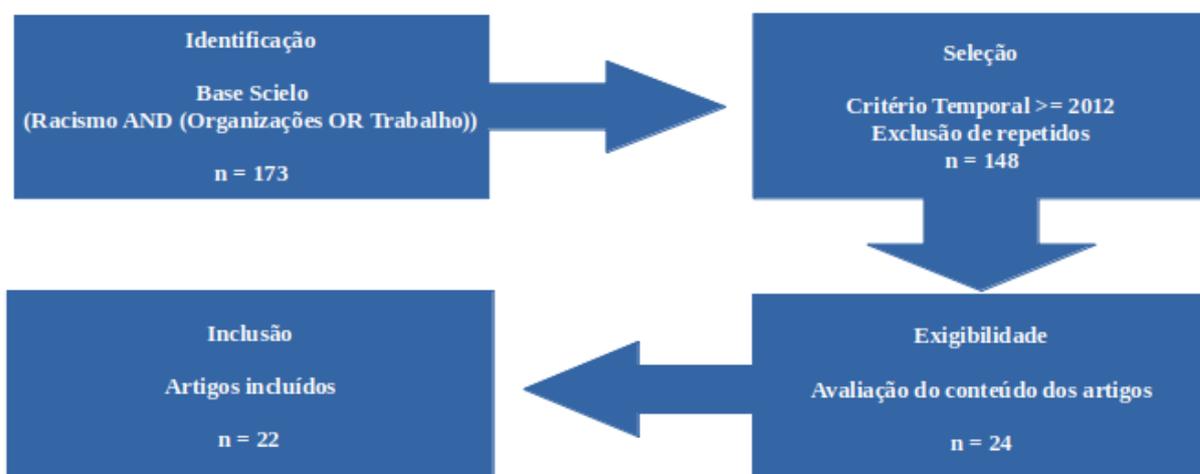
Gráfico 1 - Artigos por ano



Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto aos critérios de elegibilidade adotados, analisou-se o conteúdo dos artigos selecionados em relação à proposta do estudo, sendo excluídos: os artigos incompletos, os artigos que não abordavam o contexto brasileiro, assim como, os artigos que apenas citavam os descritores, sem os abordar diretamente.

Figura 1: Esquema de seleção dos artigos



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Dos 24 artigos selecionados pelos critérios de exigibilidade, 2 foram excluídos após a leitura completa, uma vez que se constatou que não abordavam o tema proposto na pesquisa. Desse modo, para a análise final foram incluídos 22 artigos. O quadro 1 a seguir apresenta os 22 artigos incluídos para análise:

Quadro 1 - Artigos inclusos para análise

Artigos	Título
(ÂNGELO; ARRUDA, 2023)	As marcas do racismo institucional na trajetória de trabalhadoras negras em uma universidade federal
(IRIGARAY; STOCKER; MANCEBO, 2023)	Gaslighting: A Arte De Enlouquecer Grupos Minoritários No Ambiente De Trabalho
(COSTA; SANTOS; RODRIGUES, 2022)	Racismo, colonialidade do poder e trabalho doméstico remunerado no Brasil
(PORTELA; LIRA, 2022)	América Ladina e a crítica à democracia racial em Lélia de Almeida Gonzalez
(TEIXEIRA; RODRIGUES, 2022)	“Limpar o mundo” em tempos de Covid-19: trabalhadoras domésticas entre a reprodução e a expropriação social
(ALVES, 2022)	A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural
(CASTRO, 2022)	Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor(po) e (est)ética no trabalho de campo antropológico
(VELIQ; MAGALHÃES, 2022)	A colonização é aqui e agora: elementos de presentificação do racismo
(TERRA, 2021)	Racismo, trabalho e ociosidade no processo de abolição: o Brasil e o Império Português numa perspectiva global (1870-1888)
(SIQUEIRA; FERNANDES, 2021)	Demanda psicossocial e demanda física no trabalho: iniquidades segundo raça/cor
(VERSIANI; CARVALHO NETO, 2021)	South-South migration: a study on refugees working in small and medium Brazilian enterprises
(PAULI, COMIN; RUFFATO, 2021)	Relationship between precarious work and racism for migrants in Brazil
(ALENCAR; EDIL, 2021)	Revisão Sistemática sobre Trabalho, Racismo e Sofrimento Psíquico no Contexto Brasileiro
(BUJATO; SOUZA, 2020)	O Contexto Universitário Enquanto Mundo Do Trabalho Segundo Docentes Negros: Diferentes Expressões De Racismo E Como Elas Acontecem
(SILVA; PAULA, 2020)	Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro
(PAIM; PEREIRA, 2018)	Judging good appearance in personnel selection
(SOUZA; DIAS, 2018)	Merit is not for everyone: the perception of black managers about their process of career mobility

(MACHADO JUNIOR, BAZANINI; DAIELLY, 2018)	The myth of racial democracy in the labour market: a critical analysis of the participation of afro-descendants in brazilian companies
(EURICO, 2018)	A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social
(KETZER; SALVAGNI; OLTRAMATI, 2018)	Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras
(BANUTH; SANTOS, 2016)	Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra
(EURICO, 2013)	A percepção do assistente social acerca do racismo institucional

Fonte: Elaborado pelos autores

A análise dos artigos foi realizada por meio da Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006), que se revela como uma técnica de análise qualitativa de dados flexível e que pode ser aplicada independentemente de perspectivas teóricas ou epistemológicas específicas, com vasta aplicabilidade no campo da Administração (SILVA; BARBOSA; LIMA, 2020). Dessa forma, a partir da leitura dos artigos foi feita a associação em temas e conceitos em comum, identificando-se seis categorias de análise distintas: a) racismo institucional; b) sofrimento psíquico; c) trabalho doméstico; d) racismo e trabalho; e) mulher negra, e; f) imigrantes.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os 22 artigos abordados representam a produção de 43 autores, sendo 5 artigos sem coautoria. Foram identificadas 14 fontes de publicações, demonstrando uma difusão da temática por autores e fontes de diferentes campos de conhecimento, com destaque para a Administração, o Serviço Social e a Psicologia. A análise dos artigos seguiu as 6 categorias identificadas, de forma que, na sequência, será apresentada a discussão dessas categorias nos artigos.

3.1. Racismo Institucional

O racismo institucional constituiu o principal tema dos artigos, abordando os mecanismos e as práticas pelos quais o racismo é reproduzido dentro das organizações e das relações de trabalho. A análise das relações de citação, a partir do acoplamento bibliográfico, demonstrou a relevância da contribuição das obras de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães e Kabengele Munanga, ambos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a literatura sobre o tema.

Em relação às fontes de publicações, destaca-se a Revista Organizações & Sociedade, vol. 25, n. 87 (2018) da Universidade Federal da Bahia, que abordou o tema “A questão racial no mundo empresarial”, incluindo três dos sete artigos listados abaixo.

Quadro 2 - Artigos sobre racismo institucional

CATEGORIA	AUTORES	FONTE
Racismo Institucional	(ÂNGELO; ARRUDA, 2023)	Serviço Social & Sociedade
	(BUJATO; SOUZA, 2020)	Revista Eletrônica de Administração
	(SILVA; PAULA, 2020)	Psicologia: Ciência e Profissão
	(PAIM; PEREIRA, 2018)	Organizações & Sociedade
	(SOUZA; DIAS, 2018)	Organizações & Sociedade
	(MACHADO JUNIOR; BAZANINI; DAIELLY, 2018)	Organizações & Sociedade
	(EURICO, 2018)	Serviço Social & Sociedade

Ângelo e Arruda (2023) analisam as manifestações do racismo institucional no cotidiano de trabalho de servidoras públicas negras da carreira técnica em uma universidade federal brasileira. O pano de fundo da pesquisa foi a implementação da Lei n. 12.990/2014, que determinou as cotas para negros/as nos concursos públicos. As autoras concluem que as trabalhadoras negras são atravessadas de diversas formas pelo racismo institucional, sobretudo porque as suas presenças são invisibilizadas na universidade.

Segundo referencial teórico apresentado no artigo, o racismo institucional decorre da atuação das instituições que reproduzem, mesmo que indiretamente, as desvantagens e os privilégios a partir do marcador racial. Essa reprodução acontece de forma diversificada e aparece rearticulada e camuflada com a desigualdade e as relações de poder presentes nas instituições. Isso restringe oportunidades e inviabiliza a livre circulação da população negra em várias funções na instituição, seja ela pública, seja privada. Assim, o racismo institucional se manifesta em instituições de comunicação culturais, educacionais, religiosas, sociais, entre tantas outras presentes na sociedade (ALMEIDA, 2019; KILOMBO, 2019, apud ÂNGELO e ARRUDA, 2023).

De acordo com a pesquisa realizada por Ângelo e Arruda (2023), os efeitos do racismo institucional são percebidos por meio de deslegitimação de falas e conhecimentos de trabalhadores negros, distanciamento dos espaços institucionais decisórios, restrita participação em cargos de chefia e assessoramento, estranhamento e invisibilidade em alguns espaços, principalmente em cargos de mais prestígio e *status* sociais, dentre outras formas de expressões que reafirmam a lógica racista que atravessa a realidade das organizações públicas no Brasil.

Bujato e Souza (2020) também buscaram compreender como acontecem os comportamentos racistas e suas diferentes expressões no contexto universitário, considerando a vivência de docentes negros neste espaço. As análises mostraram que o racismo institucional, além de deslegitimar, as expressões estabelecem normas que delimitam um lugar no espaço da universidade enquanto instituição entre docentes negros e seus demais colegas.

Corroborando este entendimento, Silva e Paula (2020) demonstram como os efeitos do racismo institucional são percebidos no âmbito do futebol brasileiro, além de apontar como isto afeta a subjetividade dos negros brasileiros que trabalham nessa área. Verificam que o número de negros que ocupam cargos de gestão dentro das federações é baixo, assim como técnicos, árbitros, médicos, fisioterapeutas e psicólogos, o que resultada na quase invisibilidade do negro nos lugares de comando no futebol.

Outro artigo analisado se debruça sobre a temática do racismo institucional e do quanto as(os) assistentes sociais podem no seu trabalho cotidiano reproduzir práticas racistas, ainda que de maneira abstrata. Eurico (2018) reforça que o racismo institucional se expressa no modo como as instituições estabelecem suas diretrizes gerais, as relações de poder, como são reproduzidas ações pragmáticas, sustentadas pelo mito da democracia racial, e as(os) profissionais precisam se apropriar do debate para que consigam fortalecer a resistência diante dessas estruturas de poder. A autora entende que no cotidiano das instituições, no qual o racismo se revela de maneira constante e sem tréguas, as(os) assistentes sociais podem assumir o compromisso de desvelar o racismo na dimensão organizacional, propor intervenções na direção oposta e desempenhar papel relevante também no trabalho com a equipe para coibir práticas racistas, que incidem de maneira perversa na vida da população negra.

Paim e Pereira (2018) avaliam os efeitos do racismo no julgamento da boa aparência de seleção de pessoal. A hipótese que postulava a preferência por candidatos brancos foi confirmada na pesquisa, sugerindo que práticas racistas estão presentes nas organizações brasileiras, estruturadas a partir de crenças estereotipadas e representações negativas da população negra ou negação de atributos positivos.

Souza e Dias (2018) demonstram que os impactos do racismo institucional podem ser invisibilizados por discursos meritocráticos. A partir de uma pesquisa realizada com 25 gerentes negros, constatou-se que o discurso de ascensão profissional é fundado na ideia de um mérito pessoal, ignorando ou minimizando as pré-condições sociais, emocionais, morais e econômicas que interferem no desempenho diferencial obtido pelos indivíduos. Segundo os autores, esta percepção implica em uma desqualificação de qualquer argumentação que reforce as barreiras raciais em seus processos de ascensão profissional, o que contribui para ocultar a dimensão política, econômica e social do racismo no país.

Já Machado Junior, Bazanini e Daielly (2018) se dedicaram à questão da democracia racial no contexto das organizações brasileiras através de pesquisa documental com 117 empresas entre as 500 maiores empresas do Brasil. Observaram uma reduzida participação dos afrodescendentes nas empresas brasileiras, e que mesmo para o pequeno número daqueles que alcançaram posição de destaque, preconceitos e estereótipos estão presentes. Os autores identificaram que o apoio da gestão é fundamental para a implementação da diversidade para que a pluralidade étnica se consolide no ambiente organizacional. Concluem, assim, que para que os negros sejam colocados de forma igualitária no mercado de trabalho, é necessária uma combinação de políticas públicas afirmativas e, no nível organizacional, práticas que estimulem a diversidade nas empresas que, por vezes, envolvem mudanças na cultura organizacional.

3.2. Sofrimento Psíquico

A temática do sofrimento psíquico tem por foco os impactos na subjetividade dos indivíduos afetados pelo racismo no contexto do trabalho e das organizações. A abordagem do tema se demonstra relevante, uma vez que o racismo se manifesta por meio das relações sociais de trabalho, produzindo o sofrimento de forma individualizada àqueles que não pertencem ao grupo hegemônico. A análise dos artigos, a partir das referências bibliográficas, não identificou citações em comum, o que denota uma temática ainda não uniforme e diversa quanto à estrutura intelectual. A mesma diversidade se apresentou nas fontes de publicação, abrangendo os campos da Administração, Psicologia e Saúde Coletiva.

Quadro 3 - Artigos sobre Sofrimento Psíquico

CATEGORIA	AUTORES	FONTE
Sofrimento Psíquico	(IRIGARAY; STOCKER; MANCEBO, 2023)	Revista de Administração de Empresas
	(SIQUEIRA; FERNANDES, 2021)	Ciência & Saúde Coletiva
	(ALENCAR; EDIL, 2021)	Psicologia: Ciência e Profissão
	(SILVA; PAULA, 2020)	Psicologia: Ciência e Profissão

Fonte: Elaborado pelos autores

Alencar e Edil (2021) compreendem que o racismo é um dos aspectos componentes da organização do trabalho, já que é nela em que se atribui aos negros as tarefas mais degradantes e perigosas, assim como determina que o trabalhador negro ocupe, na maioria das vezes, as posições mais subalternas na escala hierárquica das empresas. Neste sentido, o contexto do trabalho tem sido para o trabalhador negro um espaço de efetivação de racismo e, como consequência, de produção de sofrimento em uma perspectiva mais adoecedora.

Silva e Paula (2021) apontam que, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia, o racismo pode causar dilaceramento psíquico no indivíduo. O efeito do racismo é vivido como catastrófico, sendo necessária uma gama variada de apoio para se refazer do trauma vivido.

Irigaray, Stocker e Mancebo (2023) abordam a prática de *gaslighting* no contexto das relações sociais nos ambientes de trabalho. O termo se refere à manipulação por meios

psicológicos, quando a sanidade mental de um indivíduo é questionada (FORDON, 2019 apud IRIGARAY *et al*, 2023). Estudos no campo das relações de trabalho, associam esse fenômeno às características de líderes e indivíduos nas organizações, cujo abuso de poder se revelam nos bastidores das empresas com práticas de manipulação, por vezes muito próximas do assédio moral e que, no limite, resultam em sofrimento e prejuízos psicológicos, principalmente aos grupos não hegemônicos e minorizados (SWEET, 2019 apud IRIGARAY; STOCKER; MANCEBO, 2023)

O estudo de Siqueira e Fernandes (2021) investigou a associação entre raça/cor e dois desfechos - demanda psicossocial e demanda física no trabalho - em 1.032 trabalhadores da Limpeza Urbana e da Indústria Calçadista, na Bahia. O estudo contribui para o debate social acerca das repercussões do racismo estrutural no mundo do trabalho ao constatar a existência de iniquidades raciais relativas à exposição ocupacional, como a maior exposição à demanda psicossocial e à demanda física entre pretos e pardos, havendo um gradiente de exposição entre esses quando comparados com brancos.

3.3. Trabalho Doméstico

O tema do trabalho doméstico busca abordar as questões raciais vinculadas ao trabalho doméstico remunerado no Brasil, tanto sob a perspectiva decolonial quanto pela intesercionalidade, demonstrando através da pesquisa documental de indicadores e estatísticas sociais como a realidade atual ainda reproduz as relações de poder e desigualdade estabelecidas pela escravidão. Os dois artigos abordados apresentaram uma estrutura intelectual em comum, com citações a Joaze Bernardino-Costa (UNB), Nancy Fraser (New School University), Maria Suely Kofes (Unicamp), Hildete Pereira de Melo (UFF) e Heleieth Saffioti (PUC-SP), assim como a utilização dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia.

Quadro 4 - Artigos sobre Trabalho Doméstico

CATEGORIA	AUTORES	FONTE
Trabalho Doméstico	(COSTA; SANTOS; RODRIGUES, 2022)	Revista Katálysis
	(TEIXEIRA; RODRIGUES, 2022)	Sociologias

Fonte: Elaborado pelos autores

Costa, Santos e Rodrigues (2022) analisam as implicações da dimensão de raça sobre o trabalho doméstico remunerado no Brasil. As autoras abordam a discussão de raça enquanto uma expressão da colonialidade do poder, que pode ser vista como um processo que ultrapassa as especificidades do colonialismo datado, não desaparecendo com a independência ou com a descolonização, o que pode explicar a continuidade das formas de dominação em determinados países e continentes, mesmo após o fim das administrações coloniais (COSTA; SANTOS; RODRIGUES, 2022).

Costa, Santos e Rodrigues (2022) pontuam que as condições sócio-históricas em que se desenvolveu a ocupação no Brasil denuncia que não bastam medidas isoladas e pontuais para garantir e assegurar a concretização de direitos. Diante das persistentes marcas da herança escravocrata na sociedade brasileira, se faz necessário um amplo trabalho de educação e reflexão sobre as práticas cotidianas que a naturalizam e perpetuam.

Já Teixeira e Rodrigues (2022) pensam o trabalho doméstico remunerado no Brasil em meio à crise pandêmica associada ao novo coronavírus, à luz de perspectivas teóricas que reposicionam, sobre novas bases epistêmicas, as intersecções das opressões de classe, gênero e raça enquanto elementos estruturantes do sistema capitalista. O artigo, apoiando-se na proposição teórica inovadora de Nancy Fraser a respeito da categoria “expropriação”, propõe

aplicá-la em combinação à noção de “reprodução social”, encetada pelo feminismo marxista há mais de quatro décadas, para situar o trabalho doméstico remunerado no encontro dessas duas “condições de possibilidade” do capitalismo contemporâneo.

3.4. Racismo e Trabalho

Na temática Racismo e Trabalho, temos os autores que buscam compreender o racismo como parte de uma totalidade, em que a divisão racial se estabelece como um componente estrutural para exploração da força de trabalho no Brasil. A temática apresenta diferentes fontes de publicação em Serviço Social, Filosofia e História. Enquanto o artigo de Terra (2021) tem por foco a perspectiva histórica através da pesquisa documental, os artigos de Alves (2022) e Veliq e Magalhães (2022) abordam o racismo enquanto estrutura, tendo como ponto comum as obras de Silvio Luiz de Almeida (Mackenzie) e Lélia Gonzalez (PUC-RJ).

Quadro 5 - Artigos sobre Racismo e Trabalho

CATEGORIA	AUTORES	FONTE
Racismo e Trabalho	(ALVES, 2022)	Revista Katálysis
	(VELIQ; MAGALHÃES, 2022)	Trans/Form/Ação
	(TERRA, 2021)	Revista Brasileira de História

Fonte: Elaborado pelos autores

Alves (2022) apresenta a divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural, partindo da compreensão de que os elementos do complexo escravismo — modo de produção, escravizado e trabalho — são bases da formação do capitalismo e do racismo desenvolvidos no Brasil. A partir de pesquisa bibliográfica, documental e banco de dados, utilizando o método materialista histórico-dialético, aborda como o racismo, enquanto elemento estrutural, é um indicador de discriminação e desigualdade na constituição do mercado de trabalho brasileiro.

Veliq e Magalhães (2022) também abordam o racismo, enquanto problema estrutural e estruturante de nossa sociedade, analisando os modos a partir dos quais o racismo se faz presente na sociedade Sul Global, herdeira do sistema escravista, a partir de três eixos principais: 1) a colonialidade como base da modernidade, 2) a precarização da força de trabalho no neoliberalismo e 3) as imagens paradigmáticas e aprisionadoras da mulher negra, na sociedade brasileira. Os resultados demonstram como esses eixos se relacionam de modo repetitivo e sistemático, em torno das categorias de capital, raça e objetificação sexual.

Terra (2021) contribui com a análise dos efeitos do racismo no processo da formação da classe trabalhadora brasileira, ao analisar como, no contexto global da abolição, foram forjadas, no Brasil e no Império Português, representações e práticas repressivas que relacionavam trabalho, ociosidade e racismo. Terra (2021) analisa como a perseguição à ociosidade foi um elemento-chave nas políticas de controle sobre o trabalho no contexto da abolição, bem como investiga como essa perseguição estava pautada pelo racismo ao atribuir aos negros uma ociosidade natural.

3.5. Perspectiva da mulher negra

A perspectiva da mulher negra também foi um dos principais temas abordados, em que se ressalta que o racismo não se limita à identidade racial, mas também ao gênero e classe social. Destaca-se nos artigos além do pensamento citado no racismo institucional, as obras de Lélia Gonzalez (PUC-RJ), Aparecida Sueli Carneiro (GIMNEGRA), Heleieth Saffioti (PUC-SP) e Kimberlé Willians Crenshaw (UCLA). Embora haja uma estrutura de pensamento

comum, o tema é abordado por diferentes campos de conhecimento, como observado pelas fontes de publicação.

Quadro 6 - Artigos sobre Perspectiva da Mulher Negra

CATEGORIA	AUTORES	FONTE
Mulher Negra	(ÂNGELO; ARRUDA, 2023)	Serviço Social & Sociedade
	(PORTELA; LIRA, 2022)	Horizontes Antropológicos
	(CASTRO, 2022)	Revista de Antropologia
	(BUJATO; SOUZA, 2020)	Revista Eletrônica de Administração
	(BANUTH; SANTOS, 2016)	Psicologia: Ciência e Profissão
	(EURICO, 2013)	Serviço Social & Sociedade

Fonte: Elaborado pelos autores

Ângelo e Arruda (2023) apresentam o conceito de interseccionalidade, que consiste em um instrumento teórico-metodológico, desenvolvido por mulheres negras, que percebe a indivisibilidade dos marcadores sociais da diferença - como raça, gênero e classe social -, uma vez que se percebe “a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 19 apud ÂNGELO; ARRUDA, 2023, p.102).

Em Bujato e Souza (2020), a interseccionalidade também é uma temática percebida ao se observar os relatos das mulheres negras docentes e entender que, juntamente com o racismo, outras violências relacionadas ao gênero também acontecem no espaço da universidade. Nesse sentido a universidade - enquanto organização e mundo do trabalho - abre espaço em suas relações para que determinadas categorias, além da raça, possam influenciar e se sobrepor a outras e (re)produzir diferentes expressões racistas.

O estudo de Portela e Lira (2022) está inserido no esforço coletivo de promover uma releitura do pensamento político-social brasileiro a partir de autoras e autores cujas reflexões foram historicamente silenciadas em virtude de suas pertencas étnico-raciais e/ou de gênero. Os autores partem do pensamento de Lélia de Almeida Gonzalez (1935-1994), que identificou uma tripla forma de discriminação entre raça, classe e gênero que marginaliza brutalmente as mulheres negras, para refletir sobre o mito da democracia racial enquanto estruturante de um projeto de nação no Brasil.

Castro (2022) traz sua perspectiva enquanto pesquisadora negra a partir de sua pesquisa de campo de doutorado, em que acompanhou o trabalho de algumas médicas brancas em suas atividades de condução de protocolos de pesquisa clínica. A autora analisa as situações de racismo genderificado que viveu durante o trabalho de campo enquanto vestia um jaleco, refletindo sobre o campo da medicina como espaço marcado pela branquidade e, estendendo tal crítica à antropologia. Argumenta que a reflexão ética sobre a pesquisa de campo deve levar em conta, necessariamente, as hierarquizações raciais e de gênero que compõem as interações com interlocutores de pesquisa - em especial, as experimentadas por pesquisadoras negras em contextos nos quais a branquidade é normalizada.

Eurico (2013) além de explicitar alguns aspectos da questão étnico-racial no contexto da sociedade brasileira na contemporaneidade, busca apreender como a intervenção protagonizada por várias mulheres negras, ativistas na luta contra o racismo, que ingressaram na profissão, principalmente a partir de 1980, legitima o debate efervescente na vida cotidiana. Segundo a autora, apreender as assimetrias de raça/cor e o modo como o racismo opera é condição primordial para a efetivação do Projeto Ético-Político do Serviço Social.

Banuth e Santos (2016) analisam as vivências de exclusão, discriminação e resistência de uma profissional do sexo negra que trabalha em uma casa onde todas as outras profissionais eram brancas. A partir de entrevista semiestruturada e observação participante, o estudo buscou

compreender como o pertencimento à categoria racial “negra” permeia as vivências de uma prostituta em seu ambiente de trabalho, criando situações de marginalização e discriminação. Além disso, investigou como estar situada em uma posição de marginalidade permite a construção de uma postura de enfrentamento e resistência, e que estratégias são adotadas pela mulher em questão para se insurgir contra a discriminação racial.

Dentro das perspectivas de mulheres negras, Ângelo e Arruda (2023) também apresentam o conceito de escrevivência proposto por Evaristo (2020): “uma ferramenta em que o ato de escrita das mulheres negras tem como objetivo o desvencilhamento da imagem herdada do processo de escravização e reproduzida pelo racismo e sexismo, na qual essas mulheres são associadas ao exótico e à ingenuidade”. Nesta ordem de ideias, a escrevivência busca a apresentação de experiências e vivências de mulheres negras diversas, de origem africana ou afro diaspórica, que buscam afirmação de suas origens usando a escrita como um ato de insubordinação. (EVARISTO, 2020, p. 35, apud ÂNGELO; ARRUDA, 2023, p.102).

3.6. Imigrantes

A temática dos imigrantes demonstra uma outra face do racismo, em que se distingue a discriminação sofrida por “negros africanos”, na qual a violência decorrente da identidade racial é somada a da identidade cultural, estigmatizada por estereótipos. Nesta temática se destacam o pensamento de Leonardo Cavalcanti da Silva (UNB) e de Elaine Meire Vilela (UFMG), assim como a publicação do v. 19, nº 2 dos Cadernos EBAPE.BR, cuja edição temática abordou as pessoas refugiadas ou deslocadas no ambiente de trabalho.

Quadro 7 - Artigos sobre Imigrantes

CATEGORIA	AUTORES	FONTE
Imigrantes	(VERSIANI; CARVALHO NETO, 2021)	Cadernos EBAPE.BR
	(PAULI; COMIN; RUFFATO, 2021)	Cadernos EBAPE.BR
	(KETZER, SALVAGNI; OLTRAMATI, 2018)	Interações

Fonte: Elaborado pelos autores.

Versiani e Carvalho Neto (2021) analisam a integração de refugiados do Sul global no local de trabalho de pequenas e médias empresas da cidade de São Paulo, com base nas relações interpessoais entre trabalhadores refugiados e empregadores e trabalhadores brasileiros. Os resultados das entrevistas demonstram que trabalhadores e empregadores brasileiros estereotipam refugiados de países africanos como um grupo homogêneo de “negros africanos”, incluindo o Haiti, refletindo falta de conhecimento sobre a diversidade geográfica e cultural dos refugiados. Segundo os autores, este desconhecimento influencia fortemente as relações interpessoais e dificulta a integração dos refugiados no local de trabalho, processo vivenciado pelos refugiados quando podem conviver com os nativos não abandonando sua cultura, costumes e valores, mas adaptando comportamentos tanto do estrangeiro quanto do nativo.

Pauli, Comin e Ruffato (2021) também se debruçam sobre o desafio de integração dos trabalhadores migrantes nos países de destino e corroboram, através de um estudo quantitativo

Ketzer, Salvagni e Oltramati (2018) apresentam a forma com que a identidade social de imigrantes estrangeiros no Brasil vem sendo percebida por eles próprios nas organizações de trabalho e na sociedade de modo geral. A identidade é entendida como uma construção social em constante transformação, acentuada no momento em que os indivíduos migram, dado o encontro com as diferenças (Ketzer; Salvagni; Oltramati, 2018). Como resultados da pesquisa, destaca-se o fato de que no Brasil, o racismo e a exclusão social ainda estão presentes mesmo que este seja um país multicultural. Segundo os autores, na esfera das organizações, o multiculturalismo está recém iniciando, e verifica-se que a diversidade é questionada e que

ainda existem preconceitos devido à diferença cultural do indivíduo.

4. Considerações Finais

A desigualdade racial tem sido tema central em diversos debates na sociedade, seja no ambiente acadêmico ou nas grandes mídias, o que demonstra a relevância que o assunto vem ganhando ao longo do tempo na sociedade brasileira. Neste sentido, a presente pesquisa explorou na literatura estudos sobre racismo dentro do contexto das organizações e das relações de trabalho, de forma a identificar os principais temas e sintetizar os conceitos observados na pesquisa sobre racismo no campo dos estudos organizacionais e das relações de trabalho.

O estudo teve seu objetivo alcançado uma vez que a partir da pesquisa bibliográfica e da análise da literatura foi possível identificar seis temas principais abordados por diferentes autores: racismo institucional, sofrimento psíquico, racismo e trabalho, a perspectiva da mulher negra e a perspectiva do imigrante. Além disso, a pesquisa permitiu também identificar que os temas não se limitam ao campo da Administração, sendo destacados os campos do Serviço Social, da Psicologia e da Antropologia para os temas.

O racismo institucional constituiu o principal tema dos artigos analisados, abordando os mecanismos e as práticas pelos quais o racismo é reproduzido dentro das organizações e das relações de trabalho. Identificou-se que o racismo institucional ocorre em diversos contextos organizacionais, que reproduzem, mesmo que indiretamente, as desvantagens e os privilégios a partir do marcador racial. Desse modo, os efeitos do racismo institucional são percebidos por meio de deslegitimação de falas de trabalhadores negros, distanciamento dos espaços institucionais decisórios, restrita participação em cargos de chefia, assim como pelas crenças estereotipadas e representações negativas da população negra. Os artigos abordam ainda mecanismos que frequentemente invisibilizam os efeitos do racismo institucional, como os discursos meritocráticos, fundados na ideia de um mérito pessoal que ignora e minimiza as pré-condições sociais, emocionais, morais e econômicas que interferem no desempenho dos indivíduos, assim como o mito da democracia racial, que sugere que brancos e negros vivem de uma forma harmoniosa, compartilhando as mesmas oportunidades.

A temática do sofrimento psíquico teve por foco os impactos na subjetividade dos indivíduos afetados pelo racismo no contexto do trabalho e das organizações, aos quais, frequentemente, são atribuídas tarefas mais degradantes e perigosas ou posições mais subalternas na escala hierárquica das empresas, o que é fator de sofrimento em uma perspectiva mais adoecedora, para esses grupos não hegemônicos e minorizados.

Na temática Racismo e Trabalho, encontramos os autores que buscam compreender o racismo como parte de uma totalidade, em que a divisão racial se estabelece como um componente estrutural para exploração da força de trabalho, enfatizando os elementos do escravismo como base da formação do capitalismo e do racismo desenvolvidos no Brasil, assim como do processo da formação da classe trabalhadora brasileira.

A perspectiva da mulher negra em diferentes contextos organizacionais foi outro relevante tema abordado, a partir do qual percebe-se a indivisibilidade dos marcadores sociais da diferença - como raça, gênero e classe social, que marginaliza brutalmente essas mulheres, com vivências de exclusão e discriminação, resultando em muitas situações, em posturas enfrentamento e resistência à discriminação.

Finalmente, a temática dos imigrantes demonstra uma outra face do racismo, em que se observa que a discriminação sofrida por esse grupo, inclui a violência decorrente da identidade racial somada a da identidade cultural, estigmatizada por estereótipos. Como resultado verifica-se a dificuldade na integração dos refugiados no local de trabalho, a alocação desses trabalhadores migrantes em condições precárias de trabalho, que comprometem sua inserção social.

Esse artigo apresenta contribuições tanto do ponto de vista prático quanto teórico. Dessa maneira, o debate sobre o tema tem o potencial de contribuir para a reflexão sobre práticas excludentes nas organizações baseadas em raça, etnia ou cor da pele, possibilitando que empresas privadas e instituições públicas elaborem políticas e práticas relacionadas ao enfrentamento do racismo no contexto organizacional. Do ponto de vista teórico, acredita-se que o levantamento dos principais temas relacionados ao racismo nas organizações contribua para melhor compreensão dos seus desdobramentos, e impactos no cotidiano organizacional e nas relações de trabalho.

Como proposta de agenda para pesquisas futuras, frente à relevância do tema e ao entendimento de que ainda há muito o que ser debatido, sugere-se o aprofundamento das temáticas identificadas e estudos mais abrangentes a partir da ampliação do número de bases de conhecimento pesquisadas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. V. de; SILVA, E. F. da. Revisão Sistemática sobre Trabalho, Racismo e Sofrimento Psíquico no Contexto Brasileiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/DbmHzjrLvgbWfZ5ncbtYJTB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 fev. 23.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, L. D. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 212-221, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rk/a/NVD7NG3FPfcQ5MsmkfCwthd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 23.

ÂNGELO, C. A. P. S.; ARRUDA, D. O. As marcas do racismo institucional na trajetória de trabalhadoras negras em uma universidade federal. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. 97-117, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/wJkkDFfKzG4qKkBCdpZGZjK/abstract/?lang=pt>. Acesso em 08 fev. 23.

BANUTH, R. F.; SANTOS, M. A. Vivências de discriminação e resistência de uma prostituta negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 763-776, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/dFQ3hyskG6xxwsxVfQCc83d/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 23.

BRAUN, V.; CLARK, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research**, v.32, p.77-101, 2006.

BUJATO, I. A.; SOUZA, E. M. O contexto universitário enquanto mundo do trabalho segundo docentes negros: diferentes expressões de racismo e como elas acontecem. **READ. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 26, p. 210-237, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/read/a/MrpQgCWPyQrvqXFpdWhrfSv/abstract/?lang=pt>. Acesso em 14 fev. 23.

CASTRO, R. Pele negra, jalecos brancos: racismo, cor (po) e (est) ética no trabalho de campo antropológico. **Revista de Antropologia**, v. 65, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ra/a/DjyLbPnGcT7LqkXbCvvT7NM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 fev. 23.

COSTA, D. V. A. Florestan Fernandes: luta de raça e de classes. **In: FERNANDES, F. O significado do protesto negro**. São Paulo: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2017.

COSTA, F. S. M.; SANTOS, C. S.; RODRIGUES, M. E. T. M. Racismo, colonialidade do poder e trabalho doméstico remunerado no Brasil. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 262-271, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/F8TKwc6FcwJnWpSZXDT9WBG/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

EURICO, M. C. A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social. **Serviço Social & Sociedade**, p. 515-529, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/M6LN5kSVxDzLNYWtkTxqvBc/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 18 fev. 23.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e Raça – 1995 a 2017**. Brasil, 2017. Disponível em: <https://bancariosdf.com.br/portal/wp-content/uploads/2017/03/retrato-das-desigualdades-de-genero-raca.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F.; MANCEBO, R. C. Gaslighting: A arte de enlouquecer grupos minoritários no ambiente de trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 63, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/w8Kq4s3ksDR5Y3z9gkBJGhk/citation/?lang=pt>. Acesso em 08 fev. 23.

KETZER, L. S. H. *et al.* Imigração, identidade e multiculturalismo nas organizações brasileiras. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, p. 679-696, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/7BKMW74vvSjk3nrfzvLS9Rv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 23

LAGE, M. L. C.; SOUZA, E. M.. Da Cabeça aos pés: racismo e sexismo no Ambiente Organizacional. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 11 (Ed. Especial), p. 55-72, 2017. Disponível em: https://search.proquest.com/openview/604b5451fade90ab785217279b06ca8b/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2031968&casa_token=0VC-zkub7xUAAAAA:AFb71R-y6KN86Z2oik90m3b8-oyJRMLbHl_xoc5BnncPGPunT8qRiTCMrQKQ7ncVe35skMTISz9y. Acesso em: 06 fev. 2023.

LAGE, M. L. C., PERDIGÃO, D. A., PENA, F. G.; SILVA, M. A. F. Preconceito Maquiado: O Racismo no Mundo Fashionista e da Beleza. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10(4), p. 47-62, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4417/441749113005.pdf>. Acesso em 09 fev. 2023.

LÓPEZ, L. C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 121-134, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/hxpmJ5PB3XsWkHZNwrHv4Dv/abstract/?lang=pt>. Acesso em 03 mar. 23.

MACHADO JUNIOR, C.; BAZANINI, R.; MANTOVANI, D. M. N. The Myth of Racial Democracy in the Labour Market: A Critical Analysis of the Participation of Afro-Descendants in Brazilian Companies. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 632-655, 2018. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/51428/o-mito-da-democracia-racial-no-mercado-de-trabalho--analise-critica-da-participacao-dos-afrodescendentes-nas-empresas-brasileiras>. Acesso em: 17 fev 23.

OLIVEIRA, D. Drogas, opressão social e racismo. In: OLIVEIRA, D. *et al.* (org.). **A Luta Contra o Racismo no Brasil**. São Paulo: Fórum, 2017. p. 48-57.

PAIM, A. S.; PEREIRA, M. E. Judging good appearance in personnel selection. **Organizações & Sociedade**, v. 25, p. 656-675, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/kVN4ZszbHnbrgq3fj5zmGpS/?format=html&lang=en>. Acesso em 14 fev 23.

PAULI, J. *et al.* Relationship between precarious work and racism for migrants in Brazil. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 234-251, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/yZDxzfV8CD3VYJ63FRbPrLF/>. Acesso em 11 fev. 23.

PORTELA JÚNIOR, A.; LIRA, B. F. F. A. América Ladina e a crítica à democracia racial em Lélia de Almeida Gonzalez. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 105-131, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/rkcnQXcJJyDbWS7z65hvdQf/abstract/?lang=pt>. Acesso em 09 fev. 23

SILVA, M. A. B. **Racismo institucional: pontos para reflexão**. Laplage em Revista (Sorocaba), vol. 3, n. 1, jan-abr. 2017, p. 127-136.

SILVA, M. R.; BARBOSA, M. A. S.; LIMA, L. G. B. Usos e possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos em administração: explorando a análise temática. **Pensamento Contemporâneo em Administração - RCPA**. V. 14, n. 1, p.111-123. Jan.-mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/download/38405/pdf/138387>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SILVA, F. H. A.; PAULA, P. Â. F. Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DSdQCbpgCb9BQcG75htG4p/?format=html&lang=pt>. Acesso em 15 fev. 23.

SIQUEIRA, J. S.; FERNANDES, R. C. P. Demanda psicossocial e demanda física no trabalho: iniquidades segundo raça/cor. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4737-4748, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XQxqd9vM5vxMmpjRWR5cLXg/?format=html&lang=pt>. Acesso em 11 fev. 23.

SOUZA, A. A.; DIAS, R. C. P. Merit is not for everyone: the perception of black managers about their process of career mobility. **Organizações & Sociedade**, v. 25, p. 551-567, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/osoc/a/4mcfbqmZRgDzVj9BtQ4J8Cp/abstract/?lang=en>. Acesso em 16 fev. 23.

TERRA, P. C. Racismo, trabalho e ociosidade no processo de abolição: o Brasil e o Império Português numa perspectiva global (1870-1888). **Revista Brasileira de História**, v. 41, p. 155-177, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BcBZ8KgTsqPZZr7vVmGDc6t/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 fev. 23.

TEIXEIRA, J. C. **As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas**. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós Graduação e Pesquisas em Administração, 2015.

TEIXEIRA, A.; RODRIGUES, P. S. “Limpar o mundo” em tempos de Covid-19: trabalhadoras domésticas entre a reprodução e a expropriação social. **Sociologias**, v. 24, p. 170-196, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/bwgTx7NjwrM9nMQGwmqzvmw/citation/?lang=pt>. Acesso em 09 fev. 23.

VELIQ, F.; MAGALHÃES, P. A colonização é aqui e agora: elementos de presentificação do racismo. **Trans/Form/Ação**, v. 45, p. 111-128, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/Gjgq3mYJ9pNbJBpjkvsHsZC/abstract/?lang=pt>. Acesso em 09 fev, 23.

VERSIANI, F.; CARVALHO NETO, A. South-South migration: a study on refugees working in small and medium Brazilian enterprises. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 252-264, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/7qLgFXVcxYVRFMKxHzRGGxr/abstract/?lang=en>. Acesso em 11 fev. 23.